

UM ESTUDO SOBRE TERRITÓRIO E SUAS RELAÇÕES COM OS ÍNDICES DO IDEB EM DUAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ESTÂNCIA VELHA - RS

Carla Tatiani Kossman Fassbinder¹
Valdir Pedde²

Resumo: O processo de aprendizagem escolar envolve múltiplos saberes, formais e não formais. Nesse sentido, diante do atual modelo educativo proposto no Plano Municipal de Educação (PME), cada vez mais, a comunidade e as famílias adentram o contexto escolar. O PME propõe uma aproximação das escolas com as famílias, organizações não governamentais e movimentos sociais, buscando ampliar o conceito do que seja educar, questão presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Outrossim, tem-se que tal participação e envolvimento da comunidade com a escola representa um avanço em relação a tempos outros de modo que, a escola, ao mesmo tempo em que perde sua hegemonia enquanto produtora singular de saberes, ganha novos parceiros e é instada a trabalhar com um outro conjunto de saberes não formais, ligados as populações do seu entorno.

Tema: O território enquanto espaço simbólico e a influência deste no desempenho escolar em escolas da rede municipal de Estância Velha – RS, com distintos índices de IDEB. **Justificativa:** Estes estudos podem gerar Políticas Públicas de educação no município estudado. **Objetivos:** Objetivo geral: analisar a influência do território enquanto espaço simbólico no desempenho escolar em duas escolas de bairros distintos na rede municipal de Estância Velha – RS. **Metodologia:** A metodologia a ser aplicada será a técnica etnográfica e serão realizadas entrevistas semiestruturadas com diretores, coordenadores pedagógicos, pais, alunos e população do entorno das escolas. **Resultados:** É claro que políticas públicas são importantes, que pensar a educação e ter investimentos significativos também são importantes. Refletir sobre o modo como tais sociabilidades são construídas no espaço escolar, também o é. A questão que não é a negação do que hoje se têm, mas sim, em avançar e se fazer perguntas. E, talvez, é justamente aí que reside o trabalho do pesquisador, tornar aquilo que é “bom para pensar” em algo bom para repensar, pois é somente a partir de questões que a priori podem parecer estranhas que grandes avanços são produzidos. A questão da territorialidade e do

¹ Graduada em História e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. Bolsista Integral Capes. E-mail: carlafassbinder@feevale.br

² Orientador - Líder do Grupo de Pesquisa Metropolização e Desenvolvimento Regional, Prof. do Programa de Pós Graduação em Diversidade e Inclusão e Editor-Chefe da Revista Gestão e Desenvolvimento na Universidade Feevale. E-mail: valpe@feevale.br

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

pertencimento no contexto escolar, portanto, nos instiga a refletir cada vez mais sobre questões que orbitam no campo da subjetividade.

Palavras-chave: Educação. Território. Participação.

1- INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem escolar envolve múltiplos saberes, formais e não formais. Nesse sentido, diante do atual modelo educativo proposto no Plano Nacional de Educação (PNE), cada vez mais, a comunidade e as famílias adentram o contexto escolar. Posto isto, tem-se que é cada vez maior o encontro entre esses dois saberes, o da escola e o de fora dela, de modo que, dessa relação, múltiplas percepções são construídas a partir dessa interação e a forma como aqueles que estão dentro e aqueles que estão fora se relacionam com o espaço da escola. Destas múltiplas percepções e relações se produzem novos espaços e que aqui nominaremos como territórios.

Territórios são produzidos através de interações entre pessoas, entre pessoas e instituições, e entre pessoas e lugares. Interação entre pessoas ocorrem por laços de parentesco, amizade, ou por relações sociais mais ou menos obrigatórias, como por exemplo, colegas de trabalho, festas ou mesmo na escola.

Entre pessoas e instituições ocorre quando através de leis e políticas de Estado ou de governo, territórios são constituídos a partir de processos de inventariamento e registro, assim como no reconhecimento de terras pertencentes a quilombos e indígenas, por exemplo. Entre pessoas e lugares quando estes se tornam territórios produtores de identidade e sentido, quando, por exemplo, certo grupo de pessoas passa a frequentar determinado lugar até então tido como um mero lugar e passam, a partir de uma relação afetiva estabelecida com este, a nominá-lo como o “seu lugar”. Ou ainda, como é o caso de territórios que delimitam posições sociais, classes e/ou grupos sociais. Algo que Norbert Elias tão bem se ocupou em “Os estabelecidos e os Outsiders”.

Estar à margem é do ponto do viés político, punição a opositores. Do ponto de vista econômico, a negação de acesso a determinados serviços e oportunidade que estão mais disponíveis para aqueles que não estão à margem. Em termos educativos e em decorrência dos dois primeiros fatores, significa ter uma relação

diferenciada com o próprio espaço escolar e, também, de se ter melhor ou pior desempenho quando avaliados a partir de indicadores objetivos como é caso, por exemplo, da avaliação que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) faz de duas escolas da rede municipal de ensino fundamental de Estância Velha. Uma delas situa-se em território tido como central, daqueles que estão estabelecidos e que possuem melhores condições de acesso ao centro, propriamente dito. A outra escola ocupa um território tido como fronteiro, marginal, daqueles que estão fora, que são outsiders, que estão à margem e que, portanto, possuem mais dificuldades para terem acesso ao centro e a seus recursos (mas não se trata de uma questão econômica).

Assim, a partir de uma pesquisa de cunho etnográfico realizada em duas escolas da rede municipal de Estância Velha, busca-se compreender melhor o modo como essas territorialidades – daqueles que estão dentro e daqueles que estão fora – são construídas e implicam no estabelecimento de diferentes relações e desempenhos quando avaliados pelo IDEB.

Há de se considerar, também, que essa reflexão faz parte de uma pesquisa maior, onde procuramos compreender os sentidos da participação nas escolas por parte das famílias em três cidades do Vale do Rio dos Sinos, a saber: Estância Velha, Campo Bom e Novo Hamburgo. A presente reflexão aqui apresentada é apenas uma primeira sistematização a partir de algumas incursões realizadas nas escolas que passaremos a nos ocupar a seguir e que, neste momento, fazendo um trocadilho com Levi-Strauss, são boas para pensar e não, ainda, para se teorizar e fazer afirmações conclusivas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As conexões que o sujeito estabelece para com outras pessoas, instituições e espaços, não são aleatórias e são, portanto, o resultado de experiências vividas e compartilhadas por um determinado grupo ou sociedade. Pois, como diria Clifford Geertz (1989), estamos imersos numa teia de significados com infinitas ligações e possibilidades.

É no interior dessa comunidade de sentido, portanto, como quer Backzo (1984), ou imaginada como quer Anderson (2008), em que o sujeito está inserido e é

socializado, que aprende a ver e a perceber o mundo de determinada maneira (ARIÉS, 1981).

É, também, no interior da família, da vivência do espaço da cidade e da escola que esse sujeito aprende a dar valor a objetos que de outra forma lhe passaria despercebido, algo, portanto, que é tangível, não apenas na sua materialidade, mas, sobretudo, no sentido simbólico. Pensar a tangibilidade de um determinado lugar e seu sentido é buscar perceber o lugar que este ocupa no mundo da comunidade e do seu entorno (MEIRELLES & PEDDE, 2014).

Sabe-se que o território, enquanto espaço vivido é repleto de significações e sentidos. Haesbaert (2005) já nos apontava que o território é um espaço que inspira (ou pode inspirar) a identificação dos sujeitos a uma afetiva apropriação do espaço vivido. Essa apropriação constitui-se em um espaço simbólico “carregado de marcas do ‘vivido’” (HAESBAERT, 2005, p. 6774-75), ou seja, é um espaço socialmente construído.

O território também pode ser pensado como quer Milton Santos (2000), como um lugar carregado de sentido, que possui suas rugosidades e que permite aqueles que nele se situam diferentes leituras dele próprio, mas que é, também, uma forma de ordenamento do real a partir de esquemas simbólicos comuns a determinado conjunto de indivíduos que compartilham um mesmo espaço. O espaço da escola, portanto, enquanto território de significado para o sujeito é mais do que um “ter” uma escola, mas é, sobretudo, um “ser” com a escola, onde a identidade do sujeito é construída na e pela relação.

Após estas reflexões, nos sentimos convidados a pensar não como a escola, enquanto espaço de aprendizado, “faz” o aluno e o seu desempenho, para perguntar em que medida as relações do bairro e das famílias “fazem” a escola.

3. DISCUSSÃO

Com vistas a se distanciar das análises de um foco mais sociológico e/ou da sociologia da educação que acentuam, por vezes, tão somente preocupações sobre a reprodução social, ou da falta ou má aplicação dos recursos públicos em educação, procuramos pensar a escola a partir de um viés constitutivo que

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

referenda a construção de uma territorialidade e pertencimento, dando relevo as relações e construções simbólicas da dimensão humana.

Trazer o sujeito para dentro da análise é, portanto, necessário. Pois, é através dele e das relações que este estabelece para com outros indivíduos, para com o Estado e para com o espaço que poderemos compreender o porquê de duas escolas, com situações similares, encontrarem-se em situação tão diversa. E, neste sentido, olhar o microcosmo – e a significação que essa assume para aqueles que estão vinculados a uma ou outra escola – é, para nós um caminho interessante a ser perseguido.

No que se refere ao entorno dessas escolas, tem-se que, logo de chegada, quando nos direcionamos a cada uma delas, as diferenças ficam muito claras na medida em que, apesar de estarem acerca de seis minutos de carro uma da outra, estas nos remetem a realidades completamente diversas. Apesar de ambas serem, de certa forma, contíguas e próximas a BR 116, a primeira delas, E.M.E.F. Fernando Ferrari, é um lugar bom para estar na medida em que, já estamos nela, sem estarmos nela, pois, pouco muda na paisagem urbana até que cheguemos nela.

A descrição acima colocada não se aplica a E.M.E.F. Cândido Rondon. Em primeiro lugar, a chegada a ela ocorre através de um certo vazio urbano, uma vez que ela se encontra longe do centro da referida municipalidade, longe dos interesses imobiliários e em área de difícil acesso. Assim, o bairro fica reduzido a uma realidade político-geográfica típico das regiões de fronteira, onde todos são responsáveis ao mesmo tempo por tudo, mas, também, por nada. De modo que, pertencer a estas regiões de fronteira, implica admitir sentimentos de pertencimentos dúbios, multifacetados, por vezes, contraditórios até.

Neste sentido, dada à ausência de um circuito de “uma vida local”, tem-se que, quem está lá quer sair e/ou têm sua vida fora dali. Tem sua vida no centro da cidade, ou das cidades vizinhas, onde trabalha, estuda, faz compras e/ou simplesmente caminha para uma praça para conversar ou tomar um café. Rotinas urbanas comuns, mas que não são pensadas como uma tecnologia social que produz pertencimento e territorialidade.

Na escola de alto IDEB, o espaço da escola é tido como um espaço de vivência, de partilha, de convívio de gerações na medida em que, é bastante

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

comum, em alguns momentos do calendário letivo, e principalmente nas atividades que exigem a participação da comunidade escolar, encontrar até três gerações de uma mesma família que têm a escola E.M.E.F. Fernando Ferrari como seu lócus de pertencimento e a ela se referirem como “a escolinha que estudei”, “a escola que quero que meu filho estude”, “a nossa escola”, entre outras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A escola é um espaço de aprendizagem e de interação do aluno com a sociedade e “pensar sobre a educação requer entendê-la como fenômeno dinâmico, complexo e mutável” (TOSTA, 2011, p. 8) e que é igualmente permeado por conflitos, problemas e diferenças, como o filósofo e educador José Bernardo Toro descreve “a escola é o primeiro espaço de atuação da criança, onde ela deixa de manejar coisas particulares para manejar elementos coletivos [...] deixa de manipular símbolos privados para manusear símbolos coletivos que pertencem e pertencerão a outras gerações” (TORO, 2005, p. 55).

Deste modo, apesar das transformações sofridas no decorrer da história da humanidade, a escola representa a instituição que elegemos para socializar o saber, um lugar onde o saber formal é transmitido às novas gerações, objetivando a formação integral do ser humano, ou seja, “a educação é uma coisa eminentemente social” (DURKHEIM 2007), assim sendo, caberia à escola formar cidadãos críticos, reflexivos e autônomos, capazes de compreender a realidade em que vivem e estarem preparados para participar da vida econômica, social e política do país e aptos a contribuir para a construção de uma sociedade com o princípio do eu e do outro, do respeito, da convivência e da diferença.

Outrossim, somos produtos de nossa sociedade, tradições, crenças; a partir das quais a educação desempenha um papel importante nas sociedades com letramento. No entanto, a educação formal enquanto instituição social, ela própria, está atravessada pelas crenças sociais, pelas tradições, pelos conceitos e preconceitos articulados dentro desta mesma sociedade. Em vista disso, a educação formal constitui-se como uma instituição atravessada pelas Representações Coletivas da sociedade em que ela está inserida (Durkheim, 1989). De modo um tanto frouxo conceitualmente, podemos afirmar que estas Representações Coletivas

**XII SEMINÁRIO DE
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

são constituídas, entre outras questões, pela memória (HALBWACHS, 2004) e pelo imaginário de uma sociedade (MAFFESOLI, 2007).

Destarte, tendo em vista o esforço das políticas públicas de participação no Brasil, que visam ampliar e efetivar os direitos de cidadania e a redução das desigualdades sociais no país, a educação se torna primordial, uma vez que a gravidade das disparidades sociais está vinculada ao aumento dos fenômenos de pobreza e exclusão social. Contudo, cada vez mais, a comunidade local e as famílias são estimuladas a adentrarem ao contexto escolar. Outrossim, tem-se que tal participação e envolvimento da comunidade com a escola representa um avanço em relação a tempos outros de modo que, a escola, ao mesmo tempo em que perde sua hegemonia enquanto produtora singular de saberes, ganha novos parceiros e é instada a trabalhar com um outro conjunto de conhecimentos não formais, ligados as populações do seu entorno.

Ora, a inclusão da participação familiar e da sociedade dentro do espaço de educação formal, aponta para a percepção de que a educação formal é resultado de uma série de fenômenos sociais que se imiscuem, às vezes de forma explícita, às vezes, de forma implícita. Ou seja, para o sucesso da educação formal, seria ingênuo pensar que seria possível alcançar somente a partir de boas estruturas escolares. O sucesso da educação vai muito, além disso. Ela é o resultado de uma conformação de fatores e que, poucas vezes é levado em consideração nas avaliações planejadas e homogêneas do poder público.

A questão que aqui propomos para encerrar esse texto não é a negação do que hoje se têm, mas sim, em avançar e se fazer perguntas. E, talvez, é justamente aí que reside o trabalho do pesquisador, tornar aquilo que é “bom para pensar” em algo bom para repensar, pois é somente a partir de questões que a priori podem parecer estranhas, que grandes avanços são produzidos. A questão da territorialidade e do pertencimento no contexto escolar, portanto, nos instiga a refletir cada vez mais sobre questões que orbitam no campo da subjetividade. E, neste sentido, pensar em modos e tecnologias sociais que nos ajudem a gerar esse sentimento, talvez, seja um caminho a ser seguido com vistas a se alterar a dura realidade que possuem escolas como a E.M.E.F. Cândido Rondon.

**XII SEMINÁRIO DE
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos**REFERÊNCIAS**

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARIÉS, Philippe. Família, psicologia e sociedade. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi. v. 1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. p. 296-331.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O RITMO DA VIDA**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MEIRELLES, Mauro. PEDDE, Valdir. VER, TOCAR, PRESERVAR: pensando a noção de patrimônio a partir de sua tangibilidade. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 1, n. 20, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/338/297>>. Acesso em: mai 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO **Portal Mec** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=172>. Acesso em: jan 2015.

**XII SEMINÁRIO DE
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

Prefeitura Municipal de Estância Velha. Disponível em: <<http://www.estanciavelha.rs.gov.br/historia>>. Acesso em: 30 de abr. 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000

TORO, José Bernardo. **A construção do público:** cidadania, democracia e participação. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2005.

TOSTA, Sandra Pereira; LOPES, Wesley. **Etnografias na Educação:** um olhar sobre as culturas em escolas no Brasil. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL – RAM, 9., Disponível em:< <http://www.isabelcarvalho.blog.br/wp-content/uploads/2010/08/2011-RAM-Sandra-Tosta-Culturas-na-Escola.pdf> >. Acesso em: 27 mai. 2014.